

A “Poética De Resíduos” de Carolina Maria De Jesus em The Unedited Diaries / The “Poetic Of Residues” of Carolina Maria De Jesus in the Unedited Diaries

Aurielle Gomes*

Doutoranda e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (PPGLE/UFCG). Seus interesses de pesquisa envolvem a Tradução Literária, Corpora e Estratégias de Tradução.

 <http://orcid.org/0000-0002-9829-5745>

Sinara de Oliveira Branco*

Professora Associada da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), onde atua no Curso de Graduação em Licenciatura em Letras-Inglês e no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE). Doutora e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Inglês da Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Licenciatura em Letras-Inglês pela Universidade Federal da Paraíba.

 <http://orcid.org/0000-0003-2739-2254>

Recebido em: 04 set. 2022. **Aprovado** em: 26 mar. 2023.

Como citar este artigo:

GOMES, Aurielle; BRANCO, Sinara de Oliveira. A “poética de resíduos” de Carolina Maria De Jesus em The Unedited Diaries. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 12, n. 1, p. 81-94, abr, 2023.

RESUMO

A escrita de Carolina Maria de Jesus é marcada por um característico hibridismo entre construções complexas, palavras sofisticadas e desvios linguísticos da norma culta do português do Brasil. Tal linguagem habita um entrelugar: está no limiar entre sua condição subalterna e sua aspiração a pertencer ao grupo dominante. Esse caráter paradoxal da escrita de caroliniana representa um complexo desafio para o campo da tradução. Para refletir sobre tal processo, o presente trabalho tem como objetivo discutir sobre a tradução para o inglês da última parte lançada dos diários da autora, lançada postumamente. Como encontramos a “poética de resíduos” (FERNANDEZ, 2008) caroliniana em *The unedited diaries of Carolina Maria de Jesus*, traduzido por Nancy P. S. Naro e Cristina Mehrrens? A pesquisa é de natureza qualitativa e, no âmbito dos Estudos da Tradução, se insere no campo de *comparação de traduções e seus textos fontes* (WILLIAM; CHESTERMAN, 2002). Os resultados apontam para tentativas de manutenção dessa poética, de modo que o leitor da versão de chegada também possa se deparar com a convivência entre o culto e o marginal do estilo caroliniano.

PALAVRAS-CHAVE: Carolina Maria de Jesus; Meu estranho diário; Tradução.

*

 aurielly@hotmail.com

**

 sinarabranco@gmail.com

 [10.5281/zenodo.7909738](https://doi.org/10.5281/zenodo.7909738)

ABSTRACT

Carolina Maria de Jesus' writing is marked by a characteristic hybridism between complex constructions, sophisticated words and linguistic deviations from the cultured norm of Brazilian Portuguese. Such language inhabits an in-between place: it lies on the threshold between Carolina's subaltern condition and her aspiration to belong to the dominant group. The paradoxical nature of Carolinian writing represents a complex challenge for the translation field. To reflect on this process, the present work aims to discuss the translation into English of the last released part from the author's diaries. How do we find Carolinian "poetics of residues" (FERNANDEZ, 2008) in *The unedited diaries of Carolina Maria de Jesus*, a book translated by Nancy P. S. Naro and Cristina Mehrrens? The research is qualitative in nature and, within the scope of Translation Studies, falls within the field of comparison of translations and their source texts (WILLIAM; CHESTERMAN, 2002). The results point to attempts to conserve this kind of poetic, so that the reader of the target version can also be faced with the coexistence between the cult and the marginal of the Carolinian style.

KEYWORDS: Carolina Maria de Jesus; *The Unedited Diaries*; Translation.

1 Introdução

A produção de reflexões a partir da escrita de Carolina Maria de Jesus (1914- 1977) continua a se expandir, na medida em que novas camadas de sua obra são trazidas à luz. A "poeta do lixo", como se autodenominava, desenvolveu uma obra extensa, atravessando os eixos de ficção e não ficção. Além de seus diários, escreveu contos, provérbios, romances, letras de músicas e poesias, sem mencionar seus escritos não publicados.

A autora granjeia a atenção do público brasileiro com o lançamento de seu célebre livro: *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, publicado em 1960. Trata-se de um relato documental pungente, que escancara a condição de marginalidade que atravessa a existência de Carolina – mulher negra, moradora de favela e catadora de papel. A escrita acerca de suas experiências na extinta favela do Canindé, na cidade de São Paulo, onde morava, pode ser lida como uma projeção macrocômica da realidade coletiva de um Brasil triplamente excludente, no que tange às dimensões gênero, classe e raça. É um texto que também revela a "natureza complexa" da construção poética caroliniana: "misto de diário, biografismo e romance" (FERNANDEZ, 2008, p. 141).

A curiosidade que sua obra passa a despertar ultrapassa as fronteiras nacionais e, através da prática da tradução, novos olhares surgem sobre sua obra. *Quarto de despejo* torna-se uma espécie de fenômeno instantâneo e, pouco depois de seu lançamento, o livro foi traduzido para treze línguas e vendido em quarenta países (LEVINE; MEIHY, 1995). O pesquisador e biógrafo da escritora, José Carlos Sebe Bom Meihy escreve sobre esse crescente reconhecimento: "Não fora apenas nacionalmente que Carolina fez sucesso. Tendo sido logo traduzida em pelo menos treze línguas, ela superou todos os escritores brasileiros em termos de conhecimento internacional" (MEIHY, 1994, p. 5,6). Devido ao sucesso das traduções de *Quarto de despejo*, especialmente

para a língua inglesa, Carolina conquista um espaço emblemático no âmbito da literatura nacional traduzida.

Um estudo conduzido por Feitosa (2008) aponta a autora como a segunda escritora brasileira mais traduzida, atrás de Clarice Lispector. Sobre tal movimento de disseminação de sua escritura, Carolina comenta:

Faz dois anos que deixei de ser lixeira para ser escritora. Eu me considero exótica. Tem pessoas que saem das Universidades pra ser escritora. E eu sai da favela. Sai do lixo, Sai do quarto de despejo. E o meu nome corre mundo. Com as traduções do meu livro Fui favorecida por uma classes de brancos nobres e bons. E fui prejudicada por uma classe de brancos incultos, mediocres e oportunistas Que pensaram que Carolina Maria de Jesus, é uma idiota/ Mas... eu dei uma lição de honestidade nêstes crapulas. Eu levo um minuto para esquentar e levo cem para esfriar (JESUS, 1996, p. 201).

De fato, o seu nome correu o mundo. As traduções da obra de Carolina para a língua inglesa impulsionam um expressivo interesse da comunidade acadêmica do sistema anglófono (LEVINE; MEIHY, 1995), de maneira que o número de trabalhos escritos sobre a autora em inglês chegou a ser superior aos escritos em português (FEITOSA, 2008). Há relatos de brasileiros que apenas entraram em contato com a escrita caroliniana ao se depararem com seus textos nos Estados Unidos em círculos acadêmicos. Como aponta Bernardo (2019, p. 6), “as traduções trouxeram grande prestígio para Carolina no estrangeiro e isso fez com que a autora fosse ‘redescoberta’ mais tarde pela academia brasileira [...]”. No Brasil, após o sucesso vertiginoso de *Quarto de despejo*, Carolina e sua obra passam a ser gradualmente esquecidas. No entanto, como mencionado anteriormente, diferentes facetas da escritora têm sido reveladas, o que gera a necessidade de novas perspectivas acerca do texto caroliniano. Temos assistido nas últimas décadas, portanto, uma “redescoberta” da autora no sistema literário brasileiro com a ajuda da prática da tradução.

2 Para além da Carolina de *Quarto de Despejo*

Os relatos memorialísticos de Carolina continuam a ser lançados e a ser traduzidos para o inglês. Uma segunda parte dos diários, *Casa de Alvenaria*: diário de uma ex-favelada, é lançada em 1961. O livro acompanha a rotina da autora após o lançamento de seu *best-seller*. Em um dos

esforços de resgatar e redescobrir a escrita multifacetada da autora é lançado, em 1996, *Meu estranho diário*, cuja proposta é apresentar a escrita de Carolina sem as interferências que foram realizadas nas edições anteriores dos diários. A edição, organizada pelos pesquisadores Robert Levine e José Carlos Sebe Bom Meihy, é constituída por excertos dos diários que contemplam a vida da escritora em diferentes momentos: antes e depois de se tornar conhecida, até sua mudança para um sítio, onde reside pelo resto de sua vida. A tradução para o inglês, *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus*, é feita por Nancy P. S. Naro e Cristina Mehrtens e é lançada em 1999. Os prefácios das versões em português e inglês dessa parte publicada dos diários reafirmam a preocupação em evitar, ao máximo, intervenções no que diz respeito ao estilo de escrita caroliniano, marcado por um senso crítico e poético aguçado e atravessado por uma escrita que mescla desvios da norma padrão da língua portuguesa com um vocabulário preenchido por palavras rebuscadas. No preâmbulo que se encontra em *Meu estranho diário*, encontramos os critérios de ordenação desse trabalho, entre os quais está: “a publicação de textos completos, sem nenhuma revisão gramatical ou estilística dos diários, que são trazidos a público como foram encontrados” (JESUS, 1996, p. 10). Já na introdução de *The Unedited Diaries*, é destacado que: “Nossa tradução das recém-descobertas páginas do diário de Carolina Maria de Jesus preserva deliberadamente o estilo característico de escrita da autora” (JESUS, 1997, p. 4)¹.

Embora tenha frequentado a escola por pouco tempo, Carolina era tanto letrada como também ávida por consumir e produzir literatura. Ao mesmo tempo, a autora não possuía o domínio do código culto da língua portuguesa, de modo que seus textos são marcados por desvios ortográficos relacionados à concordância, pontuação, acentuação, supressão ou acréscimo de letras etc. Fernandez (2008) desenvolve o conceito de “poética de resíduos” para referir-se a tal hibridismo característico da obra de Carolina: a “convivência estranha entre [...] a norma culta da língua portuguesa e o desvio linguístico da fala marginal.” (FERNANDEZ, 2008, p. 126). Assim como Carolina vai à procura de resíduos para sobreviver, por meio de seu ofício de catadora, seu estilo de escrita também é residual. Como Fernandez salienta, trata-se uma espécie de “reciclagem literária”, por intermédio da qual a escritora cata e agrupa “pedaços de discursos alheios”. Nesse processo de catação “ela vai colando retalhos ou restos de ideias e de formas em seus experimentos de escrita” (FERNANDEZ, 2018, p. 38).

¹ No original: Our translation of Carolina Maria de Jesus's newly discovered diary pages deliberately preserves the author's distinctive writing style.

De acordo com a pesquisadora, essa escrita híbrida reflete a condição de marginalidade de Carolina aliada ao seu desejo de “expansão de seu território de vida, para além do espaço-linguagem da favela”, de modo que “a tentativa de escrever ‘literariamente’ lhe serve como uma linha de fuga” (FERNANDEZ, 2008, p. 138). A linguagem caroliniana habita, assim, um entrelugar: está no limiar entre sua condição subalterna e sua aspiração a pertencer ao grupo dominante.

Esse caráter paradoxal da escrita de Carolina Maria de Jesus representa, portanto, um complexo desafio para o campo da tradução. Os elementos linguísticos que caracterizam essa “poética de resíduos” da obra da autora apontam para estruturas e redes de poder que precisam ser levadas em conta no fazer tradutório. Até que ponto essas questões, que resvalam na natureza interseccional do texto caroliniano, impactaram o processo de decisões acerca da representação dos erros ortográficos e da utilização de palavras sofisticadas nas traduções para o inglês? Trata-se de um aspecto significativo. Para refletir sobre tal processo, selecionamos analisar trechos da tradução para o inglês da terceira parte lançada dos diários. Como encontramos a “poética de resíduos” caroliniana em *The unedited diaries of Carolina Maria de Jesus*? Uma reflexão sobre a tradução desse texto pode lançar luz sobre novas texturas da escrita de Carolina.

3 Tradução como uma contra-narrativa

Para se pensar sobre a representação nas traduções para o inglês da “poética de resíduos” característica de Carolina Maria de Jesus, é significativo também refletir sobre a noção de como os tradutores têm o poder de projetar diferentes imagens do autor e da obra traduzida na cultura de chegada. Além disso, as práticas tradutórias podem violar ou contribuir para a manutenção de convenções literárias e ideológicas do sistema cultural receptor (LEFEVERE, 2007). Nesse sentido, tradutores “adaptam, manipulam até um certo ponto os originais com os quais eles trabalham, normalmente para adequá-los à corrente, ou a uma das correntes ideológicas ou poetológicas dominante de sua época” (LEFEVERE, 2007, p. 23). Tendo tal linha de raciocínio em mente, quais imagens de Carolina e sua escrita são projetadas na tradução *The unedited diaries of Carolina Maria de Jesus*? Nesse sentido, o debate sobre a tradução no cenário pós-colonial é oportuno. Bassnett e Trivedi, em *Post-Colonial Translation: Theory and Practice*, afirmam:

A tradução não acontece em um vácuo, mas em um continuum; não é um ato isolado, mas, sim, parte de um constante processo de transferência intercultural. Além disso, a tradução é uma atividade altamente manipulativa que envolve todos os tipos de estágios nesse processo de transferência entre fronteiras linguísticas e culturais. A tradução não é uma atividade inocente ou transparente, antes, é fortemente carregada de significado em cada estágio. Raramente, se é que é possível, a tradução envolve uma relação de igualdade entre textos, autores ou sistemas (BASSNETT; TRIVEDI, 1999, p. 2, tradução nossa)².

Dessa forma, a tradução não é um espaço de neutralidade. É uma atividade que exerce influência significativa sobre as trocas entre culturas que estão em uma relação de poder assimétrica. Bassnett e Trivedi (1999) levantam a questão de como o processo colonizador provocou modos de aceitação e rejeição no que se refere à produção e recepção de traduções. Não poucas vezes, a tradução contribuiu para favorecer os interesses de culturas colonizadoras. Tal processo também resultou em uma perspectiva de análise de traduções baseadas e centradas em tais interesses. Portanto, a premissa básica do debate sobre a tradução nesse contexto é a de que “o ato de traduzir sempre envolve muito mais do que a linguagem. Traduções estão sempre imersas em sistemas culturais e políticos, e na história” (BASSNETT; TRIVEDI, 1999, p. 6). A partir de tal reflexão, faz-se necessário considerar as implicações culturais e ideológicas envolvidas na tradução de textos de uma autora, pertencente a um grupo historicamente oprimido e que utiliza a linguagem dos favelados, para uma língua hegemônica. Pensar sobre a tradução no cenário pós-colonial pressupõe questionar práticas de manutenção dos valores de culturas que estão no centro das redes de poder. Price (2015, p. 65, tradução nossa)³ analisa como uma metodologia decolonial dentro do campo dos estudos da tradução pode contribuir para a construção de “uma contra-narrativa que pode desconstruir o sistema colonial de sentido”. Esse sistema envolve significados e imagens produzidos por grupos dominantes acerca de grupos subalternos. Nesse contexto, o

² No original: “[...] translation does not happen in a vacuum, but in a continuum; it is not an isolated act, it is part of an ongoing process of intercultural transfer. Moreover, translation is a highly manipulative activity that involves all kinds of stages in that process of transfer across linguistic and cultural boundaries. Translation is not an innocent, transparent activity but is highly charged with significance at every stage; it rarely, if ever, involves a relationship of equality between texts, authors or systems”.

³ No original: “[...] a counter-narrative that deconstructs colonial systems of meaning”.

ato de traduzir pode violar ou resistir à internalização de valores alinhados ao poder colonial. Venuti se refere a esse tipo de tradução como tradução abusiva:

Esse modo de traduzir é abusivo em dois sentidos: ele resiste às estruturas e discursos da cultura e da língua receptora, especialmente à pressão em direção ao homogêneo, ao idiomático, ao transparente; no entanto, esse modo de traduzir também questiona as estruturas e discursos do texto de origem, expondo suas condições geralmente não reconhecidas (VENUTI, 2013, p. 72, tradução nossa)⁴.

Uma tradução desse tipo possibilita a criação de novos olhares sobre textos de grupos periféricos. No caso dos escritos de Carolina Maria de Jesus, uma tradução abusiva também pode expor a natureza interseccional do texto de origem. Para Crenshaw (2002, p. 177) “a interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação.” A autora enfatiza como diferentes sistemas discriminatórios (racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe, por exemplo) se cruzam e interagem para criar sobreposições de desigualdades. Tendo tal questão em mente no âmbito do debate da tradução de Carolina Maria de Jesus, entende-se que não se trata de traduzir apenas o material linguístico, é preciso levar em conta a representação de uma autora atravessada por distintas camadas de opressão.

4 *Meu estranho diário e The Unedited Diaries*

Como enfatizado anteriormente, a escrita de Carolina Maria de Jesus reflete seu anseio de escrever literariamente, de modo que a construção da sua estética de produção é caracterizada também pelo emprego de palavras rebuscadas. Utilizando o conceito de *desterritorialização* (DELEUZE; GUATTARI, 1977), Fernandez (2008, p. 134) conclui que, por não possuir o domínio culto da língua portuguesa, quando a escritora “pratica o ato da escrita a partir de seu parco

⁴ No original: “This kind of translating is abusive in two senses: it resists the structures and discourses of the receiving language and culture, especially the pressure towards the univocal, the idiomatic, the transparent; yet in so doing it also interrogates the structures and discourses of the source text, exposing its often unacknowledged conditions”.

conhecimento da linguagem rebuscada, acaba por desterritorializar essa língua, deslocando-a de sua norma culta e inventando um estranho uso do código lingüístico estabelecido”. A pesquisadora compara a criação literária de Carolina a sua prática de catadora de resíduos: seu repertório é formado pelos vestígios ou resíduos de discursos com os quais ela se depara no quarto de despejo e na sala de visitas. Nesse sentido, Carolina não apenas desterritorializa o português formal, mas também o reterritorializa por inseri-lo no cosmos da favela (FERNANDEZ, 2008). Nos quadros a seguir, podemos ter um vislumbre de como essa dinâmica ocorre em um texto caroliniano.

Quadro 1: movimentos para tentar acompanhar a sofisticação

Trecho de <i>Meu estranho diário</i> (p. 36)	Trecho de <i>The unedited diaries</i> (p. 23)
Cheguei em casa Cançada e triste porque o poeta não gosta de ver o seu povo oprimido. Ouve um tempo em que o povo trabalhava com limites e viviam contente. Hoje trabalha demasiadamente e são infaustos	<i>I got home Tired and sad because the muse dislike seeing her people oppressed. There was a time when limits were placed on workers' labor and the people lived happily. Today they work too much and are miserable</i>

Fonte: elaborado pelas autoras do presente artigo (2022)

Quadro 2: movimentos para tentar acompanhar a sofisticação

Trecho de <i>Meu estranho diário</i> (p. 54)	Trecho de <i>The unedited diaries</i> (p. 40)
É muito mais bonito ver uma mulher disposta do que ver uma letárgica igual a tartaruga. – Eu não gosto das mulheres preguiçosas.	<i>It is much better to see a healthy woman than to see one lethargic like a turtle. -I don't like lazy women.</i>

Fonte: elaborado pelas autoras do presente artigo (2022)

Quadro 3: movimentos para tentar acompanhar a sofisticação

Trecho de <i>Meu estranho diário</i> (p. 55)	Trecho de <i>The unedited diaries</i> (p. 40)

Que os ingratos estão chingando o dr. Adhemar. Que era pra eles agradecer a prefeitura e ao prefeito o tempo que ressidiram sem pagar. Mas que o mundo tem mais mal-agradecido do que quem sabe agradecer:	<i>That those ingrates are cussing out dr. Adhemar. That they should thank the town hall and the mayor for living there without paying. But the world has more thankless than thankful:</i>
---	---

Fonte: elaborado pelas autoras do presente artigo (2022)

No Quadro 1, Carolina relaciona sua atividade de poeta às condições sociais: a opressão que observa produz efeitos diretos na sua escrita. É relevante notar nesse trecho os movimentos realizados na tradução para acompanhar a poética de resíduos da autora. Percebemos, por exemplo, que o uso da palavra “Cançada”, capitalizada no meio da frase (um elemento recorrente nos diários da autora), foi conservado em inglês. Tal resíduo no meio da sentença - a capitalização de uma letra em um lugar não convencional - provoca um efeito de rompimento no texto que poderia ser oculto na tradução para manter a fluidez. Observamos, ao longo de todo o texto em inglês, no entanto, que esse mecanismo de quebra, encontrado tanto no uso de letras maiúsculas, quanto minúsculas, que se contrapõe ao uso convencional, é preservado. Essa conservação ocorre na tradução seja nos mesmos lugares das ocorrências em português, como também por meio de compensações em outros locais no texto em inglês.

Além disso, no trecho “Hoje trabalha demasiadamente e são infaustos” (p. 36), identificamos a convivência entre o culto e o marginal que comentamos anteriormente, como também nos deparamos com o esforço de Carolina no sentido de soar literária através de construções rebuscadas. Na tradução do primeiro trecho, o impacto da construção em inglês é um tanto quanto atenuado com “*Today they work too much and are miserable*” (p. 23). Mas dentro das possibilidades disponíveis, a tradução mantém os sentidos. Já as traduções de “letárgica” e “ingratos”, nos quadros 2 e 3, respectivamente traduzidos como “*lethargic*” e “*ingrates*”, garantem uma relação com essa escrita de desterritorialização da escritora, uma vez que são traduções que exploram a transparência dos termos e se aproximam da construção de um léxico culto pretendida pela autora. Tais versões produzem um efeito de literariedade também no texto de chegada. Temos aqui, dessa forma, claros movimentos para acompanhar a sofisticação tão desejada por Carolina.

Nos quadros a seguir, observamos que há momentos em que os desvios carolinianos são marcados na tradução, de maneira que estratégias, como a explicação extratextual, são utilizadas nesse sentido.

Quadro 4: movimentos para corrigir a forma e/ou sentido

Trecho de <i>Meu estranho diário</i> (p.44)	Trecho de <i>The unedited diaries</i> (p. 31)	Na nota de rodapé
<p>Fui no juizado para ver se o pae da Vera havia levado o dinheiro. Não levou. Fiquei nervôsa.</p> <p>Quando eu voltava parei numa banca de jornaes. Vi um homem chingando os policiais de burros. Que êles prevalecem.</p> <p>No clichê, um policial expancava um velho. o jornal dizia que era um policial do Dops</p>	<p><i>I went to the court of justice to see if Vera's father had left child support for me. He hadn't. I got irritated. When I was coming back I stopped at a newsstand. I saw a man calling the police idiots. May they prevail.</i></p> <p><i>In the clichê,* a policeman beat up an old man. The newspaper said it was a policeman from the DOPS [security police]</i></p>	<p><i>Carolina wrote clichê but probably meant "guichê," a word borrowed from the French meaning, in working-class Portuguese: a doorway or closed space.</i></p>

Fonte: elaborado pelas autoras do presente artigo (2022)

Quadro 5: movimentos para corrigir a forma e/ou sentido

Trecho de <i>Meu estranho diário</i> (p. 47)	Trecho de <i>The unedited diaries</i> (p. 34)
<p>Quando cheguei na favela a Vera havia cortado o pé.</p> <p>O João assim que viu-me foi dando-me a notícia Respondi que já sabia. Que eu havia recebido o aviso.</p> <p>Ela estava dormindo. Olhei o corte. Era</p>	<p><i>When I got to the favela Vera had cut her foot. As soon as João saw me he told me I answered that I already knew. That I had been warned. She was sleeping. I looked at the cut. It was big. I decided to go to the pharmacy. The pharmacist didn't want to dress it. I took her, to the Central Hospital. They dressed it and gave</i></p>

<p>enorme. Ressolvi ir na farmacia. O farmacéutico não quiz fazer o curativo.</p> <p>Levei ela, na Central.</p> <p>Fizeram o curativo e deu-lhe injeção contra o teto.</p>	<p><i>her a shot against tetanus [misspelled teto 'roof']</i>.</p>
--	--

Fonte: elaborado pelas autoras do presente artigo (2022)

No quadro 4, Carolina narra seu percurso pela cidade ao se deparar com episódios que anunciam o cenário de injustiça social que a permeava. Nesse trecho, observamos que a autora utiliza a expressão “clichê” para se referir ao local em que um policial “expancava um velho”. O termo é mantido no corpo do texto da versão de chegada com a mesma grafia. Na explicação extratextual, o texto traduzido traz a informação de que a autora provavelmente quis escrever “guichê”, dando em seguida a definição da palavra. Esse tipo de desvio é uma marca da escrita caroliniana, o que nos leva a refletir sobre a necessidade de esclarecer os sentidos por trás de uma ocorrência como essa em uma nota de rodapé. Por um lado, esse tipo de estratégia é um recurso útil para desfazer possíveis equívocos de interpretação no que se refere ao público de chegada. Por outro lado, é também válido pensar que esse tipo de elucidação pode vir a descaracterizar a forma da escrita de Carolina Maria de Jesus, fornecendo uma experiência de leitura menos impactante em inglês. Já no quadro 5, a autora relata uma ocorrência envolvendo sua filha Vera, que sofre um corte no pé. Assim como nos trechos do quadro anterior, percebemos nesse quadro um movimento de correção que é feito entre colchetes. Carolina relata que Vera recebe uma “injeção contra o teto”. Na tradução, encontramos uma correção no corpo do texto indicando que “teto” é um erro ortográfico: “*tetanus [misspelled teto 'roof']*”. As tradutoras poderiam simplesmente ter corrigido e utilizado a forma gramaticalmente aceita na língua de chegada (*tetanus*). No entanto, elas trazem à tona o vestígio residual da autora, validando sua identidade.

Considerações Finais

Como discutimos, as traduções dos textos de Carolina Maria de Jesus têm possibilitado novas discussões sobre outras facetas de sua escrita. Para além do quarto de despejo, vimos a

necessidade de colocar no centro das discussões outros textos da autora. Diante desse contexto, a tradução das entradas de *Meu estranho diário* configura-se em um lócus valioso de pesquisa.

Por meio dos exemplos aqui apresentados, foi possível perceber como a escrita fragmentada de Carolina é uma representação do entrelugar que ela ocupa enquanto mulher negra, favelada e escritora. Observamos nas ocorrências aqui comentadas que a poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus pode ser percebida no texto traduzido de *Meu estranho diário*, uma vez que o esforço de Carolina em escrever literariamente é refletido na versão em inglês. Podemos entender essa faceta dessa tradução como uma contra-narrativa em direção ao apagamento muitas vezes realizado envolvendo textos de natureza periférica. A tradução literal, que explora a transparência das palavras rebuscadas utilizadas pela autora, é especialmente efetiva nesse sentido. No que se refere aos desvios gramaticais, vimos que há movimentos de correção que, por sua vez, não anulam, mas trazem à tona as irregularidades e deslizos do texto de partida. Podemos pensar em *The Unedited Diaries* como uma tradução que, como consideramos a partir de Venuti (2013), tenta resistir às práticas de manutenção de poder de estruturas centrais, desafiando o homogêneo, o idiomático e o fluido.

É válido resgatar a crítica de Bernardo (2019, p. 9) sobre as tentativas de reprodução dos erros ortográficos em *The unedited diaries*: “Qualquer reprodução desses erros seria uma criação, pois eles não existem na língua de origem”. Além disso, a pesquisadora pontua que essa tentativa de manutenção pode contribuir para corroborar com a imagem da Carolina Maria de Jesus favelada semianalfabeta que “não poderia escrever em uma língua própria do que é esperado nos meios literários. Há que se transportar erros ortográficos” (2019, p. 10). De fato, refletimos anteriormente sobre como as traduções têm o poder de construir diferentes imagens de um autor na cultura de chegada. No entanto, não podemos perder de vista que as estratégias utilizadas pelas tradutoras de *Meu estranho diário* podem promover uma aproximação do leitor estrangeiro com a poética de resíduos caroliniana - fazendo-o atentar para essa fascinante convivência entre o culto e o marginal.

CRediT

Reconhecimentos: Não é aplicável.

Financiamento: Não é aplicável.

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Aprovação ética: Não é aplicável.

Contribuições dos autores:

Conceitualização, Curadoria de dados, análise formal, investigação, metodologia, escrita – rascunho original, escrita – revisão e edição. GOMES, Aurielle;

Conceitualização, aquisição de financiamento, metodologia, administração do projeto, supervisão, validação, visualização, escrita – rascunho original, escrita – revisão e edição. BRANCO, Sinara de Oliveira.

Referências

BASSNETT, Susan; TRIVEDI, Harish. (Ed.) *Post-Colonial Translation: Theory and Practice*. London: Routledge, 1999.

BERNARDO, Ana Cláudia dos Santos São. A construção do outro nas edições e traduções da obra de Carolina Maria de Jesus. *Estud. Lit. Bras. Contemp.* Brasília, n. 56, p. 1-11, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/22689>. Acesso em: 28/05/2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. Tradução de Liane Schneider. *Revista Estudos Feministas*. Ano 10 (1). Florianópolis, 2002. p.171-188.

FERNANDEZ, Raffaella Andréa. Percursos de uma poética de resíduos na obra de Carolina Maria de Jesus. *Itinerários*. Araraquara, n. 27, p. 125-146, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/106880>. Acesso em: 28/05/2021.

FERNANDEZ, Raffaella Andréa. *A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus*. Brasília: Edições Carolina, 2018.

JESUS, Carolina Maria de. *Meu estranho diário*. São Paulo: Xamã, 1996.



JESUS, Carolina Maria de. *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus*. Trad. Nancy P. S. Naro e Cristina Mehrtens. New Brunswick: Rutgers University Press, 1999.

LEFEVERE, A. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Trad. Claudia Matos Seligmann. Bauru, SP: Edusc, 2007.

LEVINE, Robert M.; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *The Life and Death of Carolina Maria de Jesus*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1995.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Cinderela Negra: A Saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

PRICE, Joshua M. *Whose America? Decolonial Translation by Frederick Douglass and Caetano Veloso*. TTR. Montreal, vol. 28, n.1-2, p. 65-89, 2015. Disponível em: <https://www.erudit.org/en/journals/ttr/2015-v28-n1-2-ttr03236/1041650ar/>. Acesso em: 01/06/2021.

VENUTI, Lawrence. *Translation Changes Everything: Theory and Practice*. New York: Routledge, 2013.

WILLIAM, Jenny; CHESTERMAN, Andrew. *The Map – A Beginner's Guide to Doing Research*. Manchester, UK: St. Jerome Publishing, 2002.